

Mensagens sobre Avivamento

V. Avivamentos bíblicos (3)

Em mensagens anteriores, comentamos que, na história de Israel, os períodos de crise e de avivamento se sucederam. Em outras palavras, sempre houve altos e baixos. A descontinuidade dos avivamentos sempre esteve relacionada à falta de liderança espiritual e ao pecado coletivo ou individual. O avivamento que começou com a renovação da aliança em Siquém, sob a liderança de Josué, esfriou e acabou quando Josué e outros líderes, seus contemporâneos morreram (Js 24.31). Se, por um lado, isto confirma a importância da liderança espiritual, por outro lado, revela uma falha na liderança de Josué e dos seus auxiliares. Eles não preparam seus sucessores!

No período seguinte, o tempo dos Juízes, houve uma sucessão de altos e baixos, o chamado ciclo dos juízes: pecado, sofrimento, arrependimento, clamor, libertação, avivamento... E outra vez, e outra vez...

Samuel e o avivamento de Mispa

Samuel foi o último dos juízes e também um grande profeta. O relato de seu nascimento (I Sm 1) revela que, conquanto a religião de Israel estivesse no seu nível mais baixo, havia indivíduos e lares tementes a Deus e santificados. Elcana, pai de Samuel, *“Todos os anos, Elcana subia de sua cidade até Siló para adorar o Senhor dos Exércitos e oferecer sacrifícios a ele”* (Sm 1.3). Ana, a mãe de Samuel, fez uma das orações mais fervorosas mencionadas na Bíblia. Ela derramou sua alma e suas lágrimas perante o Senhor, pedindo um filho. E prometeu que, se o Senhor lho desse, ela o consagraria ao Senhor, e o entregaria para o serviço da casa do Senhor. Deus ouviu sua oração e lhe deu um filho. Ana o chamou de Samuel, nome que significa *“Eu o pedi ao Senhor”* (I Sm 1.20). Quando o menino desmamou, Ana o levou para a “casa do Senhor”, em Siló, e o deixou lá, aos cuidados do sacerdote Eli. Samuel cresceu na “casa do Senhor”, na companhia do profeta. Deus o usou para livrar Israel da mão dos filisteus e liderar o maior avivamento daqueles anos (I Sm 7).

Transcorria mais um daqueles períodos de crise em Israel. Os filisteus, nação vizinha, invadiam e pilhavam suas lavouras e seu gado. Depois de muito sofrimento, o povo buscou o Senhor com súplicas. Foi quando

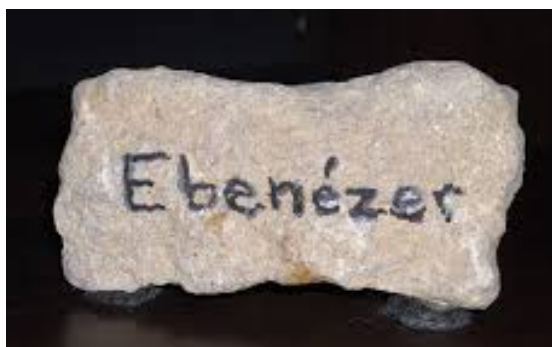
“Samuel disse a todo o povo de Israel: Se, de fato, vocês desejam de todo o coração voltar ao Senhor, livrem-se de seus deuses estrangeiros e de suas imagens de Astarote. Voltem o coração para o Senhor e obedeçam somente a ele; então ele os livrará das mãos dos filisteus” (I Sm 7.3)

Israel fez exatamente isto. E Samuel lhes disse:

“Reúnam todo o Israel em Mispá, e eu orarei ao Senhor por vocês. Eles se reuniram em Mispá e tiraram água do poço e a derramaram diante do Senhor.

Também jejuaram o dia todo e confessaram que haviam pecado contra o Senhor” (I Sm 7.5-6).

Derramaram água para demonstrar, simbolicamente, que seus corações estavam derramados, humilhados e arrependidos (ver Sl 22.14; 62.8). Depois disso, Samuel “suplicou ao Senhor em favor de Israel, e o Senhor o atendeu” (I Sm 7.9). Com a bênção de Deus, Israel derrotou os filisteus. Celebrando aquela vitória, “Samuel pegou uma pedra grande e a colocou entre as cidades de Mispá e Jesana. Deu à pedra o nome de Ebenézer, pois disse: “Até aqui o Senhor nos ajudou!” (I Sm 7.12).



A expressão “Até aqui...” limita o tempo. Refere o avivamento mais recente, e deixa dúvidas sobre o que viria a seguir. O Senhor nos ajudou nessa, mas e na próxima? Sem dúvida continuará ajudando, se os líderes forem tementes a Deus e conduzirem seu povo nos caminhos da santidade e da obediência.

Porém, não foi o que aconteceu. À semelhança de Josué e seus auxiliares, e dos chefes de família, seus contemporâneos, Samuel também falhou em preparar seus sucessores; pior, os próprios filhos. O avivamento que começou em Mispá, sob sua liderança, não continuou depois de sua morte. E por que? Porque “Quando Samuel ficou idoso, nomeou seus filhos para serem juizes sobre Israel... Mas [eles] não eram como seu pai. Eram gananciosos, aceitavam subornos e pervertiam a justiça” (I Sm 8.1-3).

Parece que Samuel foi um bom juiz e um grande avivalista, mas um péssimo pai. Que coisa triste quando os filhos de um líder e instrumento de Deus num avivamento acabam com um avivamento! (Ver I Sm 2.12, 22-24; 3.13).

Toda essa história lembra-nos que nós, pais e líderes desta geração, precisamos zelar por nossa vida espiritual, dar exemplo de vida santa e ensinar o temor do Senhor à próxima geração; precisamos contar aos nossos filhos e discípulos as obras do Senhor em nossa vida e na história da igreja. Quantos filhos e netos de crentes abandonam a fé, a igreja, os caminhos do Senhor!

Reis avivalistas

Alegando a idade avançada de Samuel e o mal procedimento dos filhos deste, os anciãos de Israel pediram ao profeta que lhes constituísse um rei. As outras nações tinham reis, por que não Israel? (I Sm 8:5). Começou assim um novo período na história de Israel, o da Monarquia. Os primeiros reis foram Saul, Davi e Salomão. Depois o reino dividiu-se em duas partes: Israel, ao norte, e Judá ao sul. Os reis se sucederam, reinando, às vezes, por pouco tempo e, com raras exceções, fazendo o que era mal perante o Senhor, arrastando o povo à idolatria e à perversão. O juízo de Deus recaiu sobre Israel primeiro, e depois sobre Judá. Em 722 a.C., os assírios destruíram Samaria, a capital do reino do norte, e levaram os filhos de Israel para o cativeiro (II Rs 17.1-6; 18.9-11). Cerca de 132 anos mais tarde, em 585 a.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, destruiu

Jerusalém, a capital do reino do sul, e levou Judá para o exílio (II Rs 24; II Cr 36). Passados setenta anos de exílio, alguns milhares de judeus retornaram a Jerusalém.

Como eu disse, a maioria dos reis de Israel e de Judá foram péssimos reis e causaram grande sofrimento ao povo de Deus. Porém, alguns poucos foram instrumentos de avivamento. Vou mencionar apenas dois: Asa e Josafá.

Asa reinou em Judá 41 anos, de 910-869 a.C. Ele era filho de Abias, um bisneto de Davi. Abias *“Cometeu os mesmos pecados que seu pai e não foi inteiramente fiel ao Senhor, seu Deus, como seu antepassado Davi. Mas, por causa de Davi, o Senhor, seu Deus, permitiu que seus descendentes continuassem a brilhar como uma lâmpada em Jerusalém e deu a Abias um filho para reinar depois dele”* (I Re 15.3-4).

Este seu filho e sucessor, o rei Asa, *“fez o que era certo aos olhos do Senhor, como seu antepassado Davi. Expulsou da terra os prostitutas cultuais e removeu todos os ídolos que seus antepassados haviam feito... O coração de Asa permaneceu inteiramente fiel ao Senhor durante toda a sua vida”* (I Re 15.11-14).

Josafá reinou em Judá 25 anos, de 872-848 a.C. Ele era filho de Asa, o bom rei mencionado acima. É interessante observar que, contrariamente aos filhos de Samuel, *“Josafá foi um bom rei, que seguiu o exemplo de seu pai, Asa, e fez o que era certo aos olhos do Senhor”* (I Rs 22.43. Ver II Cr 17.3-4,6).

Esse bom rei *“enviou seus oficiais... para ensinarem em todas as cidades de Judá. Com eles foram os levitas... e os sacerdotes... Eles levaram consigo cópias do Livro da Lei do Senhor e foram por todas as cidades de Judá, ensinando o povo. Então o temor do Senhor caiu sobre todos os reinos vizinhos, de modo que nenhum deles declarou guerra a Josafá”* (II Cr 17.7-10).

O próprio *“Josafá saía para visitar o povo por todo o território, desde Berseba até a região montanhosa de Efraim, a fim de animar todos a voltarem para o Senhor, o Deus de seus antepassados. Nomeou juizes na terra, em todas as cidades fortificadas, e lhes disse: ‘Sejam cuidadosos! Lembrem-se de que não estão julgando para agradar as pessoas, mas para agradar o Senhor. Ele estará com vocês sempre que derem um veredito. Temam o Senhor e julguem com integridade...’* (II Cr 19.4-7).

Também em Jerusalém, nomeou Josafá alguns dos levitas, dos sacerdotes e dos chefes de famílias israelitas e lhes deu estas ordens:

“Ajam sempre no temor do Senhor, com fidelidade e coração íntegro. Toda vez que chegar até vocês uma causa de seus compatriotas israelitas... advertam-nos para que eles não pequem contra o Senhor” (II Cr 19.8-10).

Entretanto, o temor do Senhor e o avivamento não excluem adversidades eventuais. A despeito do zelo de Josafá e do clima de avivamento em Israel, os Amonitas e os Moabitas, nações vizinhas, entraram em guerra contra Josafá. Um exército enorme de inimigos treinados para a guerra. *“Josafá ficou amedrontado... e pediu orientação ao Senhor. Ordenou um jejum em todo o Judá, e habitantes de todas as cidades de Judá vieram a Jerusalém para buscar a ajuda do Senhor”* (II Cr 20.3).

Josafá, então, levantou-se no meio de toda aquela gente e fez uma oração exemplar. Entre outras coisas, ele disse:

“Ó nosso Deus... Não temos forças para lutar com esse exército imenso que está prestes a nos atacar. Não sabemos o que fazer, mas esperamos o socorro que vem de ti” (II Cr 20.12).

Em resposta, o Espírito do Senhor iluminou a mente de um profeta, que lhes disse:

“Escutem-me, todos vocês, povo de Judá e de Jerusalém! Escute, rei Josafá! Assim diz o Senhor: Não tenham medo! Não fiquem desanimados por causa desse exército imenso, pois a batalha não é sua, mas de Deus. Amanhã, marchem contra eles... Quando os encontrarem, porém, não terão de lutar. Tomem suas posições; depois, fiquem parados e vejam o livramento do Senhor. Ele está com vocês, povo de Judá e de Jerusalém. Não tenham medo nem desanimem. Saiam para enfrentá-los amanhã, pois o Senhor está com vocês!” (II Cr 20.15-17).

Foi uma guerra incomum, das que soem acontecer num clima de avivamento. No dia da “batalha”, bem cedo, Josafá disse ao povo:

“Escutem-me, povo de Judá e de Jerusalém! Creiam no Senhor, seu Deus, e permanecerão firmes. Creiam em seus profetas e terão êxito! Depois de consultar o povo, o rei nomeou cantores para irem adiante do exército, cantando e louvando o Senhor por sua santa majestade. Cantavam assim: 'Deem graças ao Senhor; seu amor dura para sempre!'. No momento em que começaram a cantar e louvar, o Senhor trouxe confusão sobre os exércitos de Amom, Moabe e do monte Seir, e eles começaram a lutar entre si. Quando os homens de Judá chegaram ao local de onde se avista o deserto, viram apenas cadáveres no chão, até onde se podia enxergar. Não escapou nem um só dos inimigos” (II Cr 20.20-24).

Por tudo isso, aquele lugar foi chamado Vale de Beracá ou Vale de Benção” (V. 26).

As lições e a beleza desse avivamento merecem toda a nossa atenção e cuidadosa reflexão. Note, por exemplo:

- A integridade e verdadeira espiritualidade do líder principal e seus auxiliares.
- A designação e treinamento desses auxiliares, exigindo-se deles fidelidade, dedicação e firmeza.
- A importância dada ao ensino do Livro da Lei ou Palavra de Deus
- A humildade e dependência de Deus face ao perigo.
- Os filhos de Deus, individual ou coletivamente, às vezes, têm que descer ao vale, para as batalhas da vida, mas, com oração, confiança e louvor. Desse modo, um campo de batalha torna-se Vale de Benção!